



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

CURSO DE MÚSICA

O ensino aprendizagem de música no livro didático Mosaico-Arte - 8º ano do ensino fundamental: um olhar para seus princípios e características

Uberlândia, junho de 2023

LUCAS PEREIRA SILVA

O ensino aprendizagem de música no livro didático Mosaico-Arte - 8º ano do ensino fundamental: um olhar para seus princípios e características

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento de avaliação da disciplina Pesquisa em Música 4 e TCC do Curso de Música - Licenciatura - Habilitação em Percussão, ministrados pela profa. Maria Cristina Lemes de Souza Costa.

Uberlândia, junho de 2023.

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade compreender como está estruturado o ensino aprendizagem de música dentro da coleção Mosaico-Arte, adotada como livro didático de Arte nas escolas públicas de Educação Básica no ano de 2018 quanto às suas propostas, conteúdos, estratégias e procedimentos pedagógicos. Para tanto foi selecionado o livro do 8º ano, que tem o foco na Música. A coleção é composta de 4 livros, sendo um para cada ano do ensino fundamental. As primeiras incursões teóricas tiveram como objetivo conhecer e compreender os conceitos de livro didático e material didático. Em seguida, conhecer sobre a política de avaliação e distribuição de livros didáticos do PNLD. A construção da coleção Mosaico-Arte é feita a partir dos princípios e objetivos da BNCC. Sendo assim, buscamos refletir sobre essa base que orienta a construção dos livros didáticos, baseados em competências e habilidades. Essa pesquisa possibilitou-nos conhecer um pouco mais sobre a estrutura e organização de ensino proposta na BNCC, assim como as concepções pedagógico-musicais do Livro Didático Mosaico-Arte - 8º ano do Ensino Fundamental. As reflexões apresentadas a partir da análise do livro didático, nos mostram que o ensino de música na coleção Mosaico-Arte está pautado numa perspectiva intercultural crítica abordando aspectos sobre a música muito mais do que vivenciando e experienciando a música na sua prática sonora.

Palavras-chave: Ensino de música; livro didático de arte; educação básica.

GLOSSÁRIO

Entonação: maneira de emitir um som vocal, dando inflexão ou modulação à fala ou ao canto. Entonação ou entoação é a variação da altura e duração utilizada na fala que incide sobre uma palavra ou oração, e não na pronúncia simples de fonemas ou sílabas. Entonação e ênfase são elementos da prosódia, elemento da Linguística.

Estesia: capacidade de perceber sensações – sensibilidade. Articula a sensibilidade e a percepção da Arte como uma forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Traz o corpo como protagonista da experiência com a Arte, em sua totalidade, incluindo as emoções.

Fruição: é a ação de fruir, ou seja, de aproveitar ou usufruir alguma coisa, situação, oportunidade e etc. O verbo fruir está relacionado com o ato de desfrutar ou ter prazer com algo.

Interdisciplinaridade: conceito que busca a intersecção entre conteúdos de duas ou mais disciplinas para permitir que o aluno elabore uma visão mais ampla a respeito dessas temáticas. A prática interdisciplinar procura romper com padrões tradicionais que priorizam a construção do conhecimento de maneira fragmentada, revelando pontos em comum e favorecendo análises críticas a respeito das diversas abordagens para um mesmo assunto.

Interculturalidade: é um conceito que promove políticas e práticas que estimulam a interação, compreensão e o respeito entre as diferentes culturas e grupos étnicos.

Interculturalidade crítica: nasce da atuação dos seres humanos em comunhão, com vistas ao crescimento de todos e da comunidade da vida, tendo como horizonte a busca da igualdade de todos, em meio ao respeito à diversidade cultural.

Transdisciplinaridade: é um enfoque pluralista do conhecimento que tem como objetivo, através da articulação entre as inúmeras faces de compreensão do mundo, alcançar a unificação do saber. Assim, unem-se as mais variadas disciplinas para que se torne possível um exercício mais amplo da cognição humana. Este olhar múltiplo permite que se abranja a complexidade crescente do mundo pós-moderno, o que justifica a definição da transdisciplinaridade como um fluir de ideias e, mais particularmente, um movimento de reflexão sobre estes conceitos. Esta expressão foi criada pelo educador Jean Piaget, durante o I seminário Internacional sobre Pluri e Interdisciplinaridade se desenrolou em 1970, na Universidade de Nice; nesta ocasião foi originalmente utilizada esta palavra, deflagrando uma série de pesquisas sobre seu significado e as implicações por trás desta ideia, estimuladas pelo seu próprio criador. <https://brainly.com.br/tarefa/19396018>

LISTA DE SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNCC - Base Nacional Comum Curricular
CNE - Conselho Nacional de Educação
ECT - Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
EJA - Educação de Jovens e Adultos
FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
ISO - Organização Mundial de Normas Técnicas
IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo
LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC - Ministério da Educação
PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNE - Plano Nacional de Educação
PNLD - Programa Nacional do Livro e do Material Didático
SEB - Secretaria de Educação Básica
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Páginas do manual do professor. Formato de U, sendo o livro do aluno na parte interna da folha e as orientações ao professor nas laterais e parte inferior das páginas.....	22
Figura 2 - Exemplo de códigos referentes às competências e habilidades da BNCC no manual do professor.....	25
Figura 3 - Capa do livro didático Mosaico-Arte - Manual do Professor - 8º ano do Ensino Fundamental.....	28
Figura 4 - Página do manual do professor com desenhos de um teclado para exemplificar intervalos.....	34
Quadro 1 - Propostas Musicais.....	29
Quadro 2 - Exemplos musicais contidos no CD que acompanha o manual do professor.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 LIVRO DIDÁTICO E A LEGISLAÇÃO	11
1.1 Livro didático e material didático	11
1.2 Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).....	12
1.3 Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	15
2 A COLEÇÃO MOSAICO-ARTE (2018)	20
2.1 Autores.....	20
2.2 Estrutura organizacional	21
2.3 BNCC como parâmetro	24
2.4 Objetivos da proposta	25
2.5 Características da proposta	26
3 A MÚSICA NO LIVRO MOSAICO-ARTE - 8º ANO	28
3.1 Objetivos.....	28
3.2 Conteúdos	30
3.3 Procedimentos Pedagógicos	36
3.4 Avaliação	37
3.5 Refletindo sobre a proposta de ensino de música	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

A motivação para realizar esta pesquisa com o livro didático de música se deu por dois motivos. Primeiro, pelas lembranças de infância, algumas vivências com práticas musicais que tive na escola pública onde eu estudava. Daí a vontade de buscar entendimento sobre o ensino-aprendizagem musical no ambiente escolar. O outro motivo, pela possibilidade de dar aula de música na escola de educação básica, assumindo o componente curricular Arte.

O professor de música que vai dar aula na escola de educação básica, assumindo o componente curricular Arte, muitas vezes se depara com diferentes desafios. Um deles talvez seja a insegurança quanto ao que ensinar e como ensinar.

Acostumado, ao longo de sua formação musical, com aulas individuais ou em pequenos grupos, é um desafio para o professor trabalhar com turmas grandes de alunos, em ambientes em que o som de suas aulas invade os outros espaços da escola, interferindo, às vezes, nas demais aulas e atividades da escola, além de, muitas vezes, não poder contar com instrumentos musicais ou caixas de som.

Somado a isso, é desafiador ter que trabalhar com diferentes linguagens artísticas que compõem o componente curricular Arte além da música (Artes Visuais, Dança e Teatro), para as quais não está preparado. Essa polivalência nas artes ainda não foi vencida, pelo que podemos observar na BNCC em vigor e que norteia a elaboração de currículos e produção de livros didáticos que são disponibilizados para as escolas.

Buscar nos livros e outros materiais didáticos específicos para o ensino de música respostas para as perguntas sobre o que ensinar, como, por onde começar poderia ser um dos caminhos para o professor iniciante percorrer.

Por meio de uma rápida busca na internet constata-se que há uma grande quantidade de materiais voltados para o ensino de música publicados no Brasil, especialmente nas últimas décadas. Um dos motivos para isto se deve ao fato da aprovação da lei n. 11769/2008, que alterou a LDBE n. 9394/96¹, determinando a música como conteúdo obrigatório na escola de educação básica. Em seu artigo primeiro foi acrescentado o seguinte parágrafo: “A música deverá ser conteúdo

BRASIL. Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n. 9394/96, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Brasília: Presidência da República, 2008.

obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o parágrafo 2 deste artigo” (Mosaico-Arte, 2018, p. XV). Em função disso, o mercado editorial na época, passou a publicar um número maior de materiais didáticos voltados para o ensino de música na escola, para atender o provável aumento da demanda.

Aparentemente, esses materiais são bem diferentes uns dos outros, fato que me levou às questões: Em que se fundamentam? Quais os conteúdos compõem esses materiais? Há indicações de procedimentos pedagógicos? Como eles estão estruturados? Existe uma sequência determinada para os conteúdos? Tem materiais específicos para os diferentes níveis de escolaridade? Que teorias de música subjazem seus conteúdos? Eles são adequados para o ensino em escolas de educação básica?

As perguntas são muitas e novos questionamentos surgem diante de cada novo livro ou material encontrado. Frente a essa diversidade é que foi delimitado o tema para meu projeto de pesquisa da graduação.

Decidi conhecer e analisar um livro didático indicado pelo MEC e adotado pela rede pública e oficial de ensino. Escolhi o livro Mosaico-Artes (8º ano do Ensino Fundamental - 2018) que faz parte de uma coleção de quatro livros, sendo um para cada ano do ensino fundamental. Esta coleção foi uma das escolhidas e distribuída para ser usada nas escolas públicas brasileiras em 2020. Nesta pesquisa foi analisado o livro do 8º ano. A escolha do livro do 8º ano se deu pelo fato da linguagem artística música ser predominante neste volume em comparação com os outros.

A partir disso delineou-se o seguinte problema: Qual é a proposta de ensino de música, quais os conteúdos, procedimentos e materiais didáticos sugeridos no Livro Didático Mosaico-Arte - 8º ano do Ensino Fundamental - 2018, adotado nas escolas públicas de Educação Básica no ano de 2020.

Quanto aos objetivos, estabeleceu-se como objetivo geral: - compreender como está estruturado o ensino aprendizagem de música dentro da coleção: Mosaico-Arte quanto às suas propostas, conteúdos, estratégias e procedimentos pedagógicos. Para atingir este objetivo elaboraram-se os seguintes objetivos específicos: 1- Identificar no livro Mosaico - 8º ano sua estrutura organizacional, os objetivos, conteúdos e as concepções de ensino de música que o caracterizam; 2- Desvelar as bases teóricas que referenciam e orientam a elaboração, organização e proposição da coleção; 3- Conhecer as relações interdisciplinares propostas entre a música e as outras linguagens da arte apresentadas no livro; 4- identificar os procedimentos pedagógicos explicitados no

manual do professor e os procedimentos que podem ser inferidos a partir das atividades propostas.

Acredito que fazer um estudo sistemático e crítico dessa obra em seus diversos aspectos pode ser uma boa contribuição para o professor na condução de seu trabalho e elaboração de seus planejamentos. Pensar critérios para essa reflexão é um exercício que pode ajudar, não só na compreensão do material didático selecionado para esta pesquisa, mas para tantos outros materiais que o professor venha a se interessar por conhecer e lançar mão em busca de apoio ao seu planejamento para a prática pedagógica no ensino de música na escola de educação básica.

1 LIVRO DIDÁTICO E A LEGISLAÇÃO

1.1 Livro didático e material didático

A investigação sobre o livro de música me levou ao questionamento: o que é livro didático e o que é material didático? Assim, as primeiras incursões teóricas tiveram como objetivo conhecer e compreender seus conceitos.

O livro didático pode ser pré-definido pela escola como material específico a ser adotado pelo professor. Segundo Teixeira, reconhecido na cultura escolar,

Sua importância pode ser verificada nas políticas governamentais que situam o Brasil como país que possui um dos maiores programas de distribuição de livros e pelo seu papel na definição dos conteúdos culturais que serão privilegiados e transmitidos nas escolas (TEIXEIRA, 2011, p. 16).

Muitas escolas utilizam o livro didático, aquele indicado para ser usado pelo professor e pelos alunos em diversas disciplinas, porém, pensando no fato de estarmos em um imenso país, constituído por diversas e diferentes práticas culturais, o livro didático pode não ser muito eficiente em atender as diferentes realidades e conduzir o professor a um planejamento inadequado para as suas turmas. No caso específico do conteúdo música, isso também pode acontecer, mesmo esse conteúdo aparecendo apenas como uma das linguagens do livro de Arte.

Entretanto, ressalta-se que as escolas recebem as coleções de livro didático e os diretores com seus professores têm a oportunidade de analisar as obras e escolher aquela que mais se adequa às necessidades e características da escola.

Geralmente o professor utiliza junto ao livro didático outros materiais, que podem ser chamados de materiais didáticos. Os termos, livro didático e material didático, têm diferentes conceituações. Para Santos (2007), o livro didático “conhecido como manual escolar, manual de texto, material didático ou livro escolar, (...) se caracteriza como um instrumento de uso educacional, para fins didáticos” (p. 18).

O livro didático é um material de cunho pedagógico. Assim como outros instrumentos escolares, como quadro, livros literários e projetor, é considerado básico para a prática docente. Portanto, é uma fonte de informações para os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Quanto a material didático, Fiscarelli entende que

Material didático é todo ou qualquer material que o professor possa utilizar em sala de aula; desde os mais simples como o giz, a lousa, o livro didático, os textos impressos, até os materiais mais sofisticados e modernos (FISCARELLI, 2007, p. 1).

Sendo assim, material didático é todo aquele objeto associado ao contexto educativo. E o livro didático é um material didático específico, dentre outros tipos de materiais didáticos que o professor venha a utilizar. O livro didático talvez seja o principal instrumento de caráter pedagógico, que orienta o professor a facilitar o processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

Porém, apesar de todas as vantagens e benefícios destacados, os livros didáticos por si só, não garantem o bom desempenho educacional e é importante considerarmos sua provisoriedade. Segundo Santos (2007), o livro didático “se desatualiza com muita velocidade. Raramente é relido; pouco se retorna a ele para buscar dados ou informações e, por isso, poucas vezes são conservados nas prateleiras de bibliotecas pessoais ou de instituições” (SANTOS, 2007, p. 18).

Entretanto, Fiscarelli salienta que,

Ao compreendermos os materiais didáticos no processo de desenvolvimento profissional do professor, abrimos possibilidades de superação de obstáculos que venham inibir o espaço de experimentação e o crescimento profissional a partir da utilização desses materiais em sala de aula (FISCARELLI, 2007, p. 1).

A prática docente pode ser auxiliada pelo uso do livro didático, que contribui para a formação das estratégias de ensino, no entanto o professor de música precisa entender não somente os conteúdos apresentados nos livros. Também as diversas dimensões do ensino de música, como o contexto escolar e influência cultural dos alunos.

1.2 Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) compra, distribui e avalia as obras didáticas aos alunos do ensino fundamental e médio, na modalidade regular ou Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A execução do PNLD ensino fundamental (regular) e do PNLD ensino médio (regular e EJA) segue os passos abaixo:

- “Adesão - As escolas federais e os sistemas de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal que desejem participar dos programas de material didático deverão manifestar este interesse mediante adesão formal, observados os prazos, normas, obrigações e procedimentos estabelecidos pelo Ministério da Educação. O termo de adesão deve ser encaminhado uma única vez. Os beneficiários que não desejarem mais receber os livros didáticos precisam solicitar a suspensão das remessas de material ou a sua exclusão do (s) programa (s). A adesão deve ser atualizada sempre até o final do mês de maio do ano anterior àquele em que a entidade deseja ser atendida.
- Editais - Os editais que estabelecem as regras para a inscrição do livro didático são publicados no Diário Oficial da União e disponibilizados no portal do FNDE na internet.
- Inscrição das editoras - Os editais determinam o prazo e os regulamentos para a habilitação e a inscrição das obras pelas empresas detentoras de direitos autorais.
- Triagem/Avaliação - Para constatar se as obras inscritas se enquadram nas exigências técnicas e físicas do edital, é realizada uma triagem pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT). Os livros selecionados são encaminhados à Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC), responsável pela avaliação pedagógica. A SEB escolhe os especialistas para analisar as obras, conforme critérios divulgados no edital. Esses especialistas elaboram as resenhas dos livros aprovados, que passam a compor o guia de livros didáticos.
- Guia do livro - O FNDE disponibiliza o guia de livros didáticos em seu portal na internet e envia o mesmo material impresso às escolas cadastradas no censo escolar. O guia orientará a escolha dos livros a serem adotados pelas escolas.
- Escolha - Os livros didáticos passam por um processo democrático de escolha, com base no guia de livros didáticos. Diretores e professores analisam e escolhem as obras que serão utilizadas pelos alunos em sua escola.
- Pedido - A formalização da escolha dos livros didáticos é feita via internet. De posse de senha previamente enviada pelo FNDE às escolas, professores fazem a escolha on-line, em aplicativo específico para este fim, disponível na página do FNDE.

- Aquisição - Após a compilação dos dados referentes aos pedidos realizados pela internet, o FNDE inicia o processo de negociação com as editoras. A aquisição é realizada por inexigibilidade de licitação, prevista na Lei 8.666/93, tendo em vista que as escolhas dos livros são efetivadas pelas escolas e que são editoras específicas que detêm o direito de produção de cada livro.
- Produção - Concluída a negociação, o FNDE firma o contrato e informa as quantidades de livros a serem produzidos e as localidades de entrega para as editoras. Assim, inicia-se o processo de produção, que tem supervisão dos técnicos do FNDE.
- Análise de qualidade física - O Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) acompanha também o processo de produção, sendo responsável pela coleta de amostras e pela análise das características físicas dos livros, de acordo com especificações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), normas ISO e manuais de procedimentos de ensaio pré-elaborados.
- Distribuição - A distribuição dos livros é feita por meio de um contrato entre o FNDE e a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), que leva os livros diretamente da editora para as escolas. Essa etapa do PNLD conta com o acompanhamento de técnicos do FNDE e das secretarias estaduais de educação.
- Recebimento - Os livros chegam às escolas entre outubro do ano anterior ao atendimento e o início do ano letivo. Nas zonas rurais, as obras são entregues nas sedes das prefeituras ou das secretarias municipais de educação, que devem efetivar a entrega dos livros.” (<https://www.gov.br/fnde/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/funcionamento>)

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) existe com esta denominação, desde 1985. Este programa foi desenvolvido pelo governo federal brasileiro com o objetivo de avaliar e disponibilizar livros e materiais didáticos de forma regular e gratuita para toda a rede de educação básica pública, conveniada com o poder público. As avaliações são coordenadas pelo Ministério da Educação que conta com a participação de comissões técnicas específicas, integradas por especialistas das diferentes áreas do conhecimento. Após serem aprovadas, as obras passam a compor

o guia digital do PNLD, orientando o corpo da escola na escolha das coleções para a respectiva etapa de ensino, podendo ser os anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

O livro didático para o componente curricular Arte, entretanto, passa a fazer parte desta política de avaliação e distribuição de livros didáticos para a escola somente a partir de 2015. Neste mesmo ano foram distribuídos pelo PNLD livros de Arte para o Ensino Médio, posteriormente em 2016, para os anos iniciais do ensino fundamental, e em 2017 para os anos finais do Ensino Fundamental (SOUZA, 2018, p. 22).

São de responsabilidade do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) a compra e distribuição dos livros e materiais didáticos selecionados pelo Ministério da Educação, no âmbito da Secretaria de Educação Básica (SEB).

Através do Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017 (BRASIL, 2017) o PNLD se unificou com o antigo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), ampliando as possibilidades de inclusão de outros materiais de apoio a práticas educativas para além das obras didáticas e literárias: obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros.

1.3 Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A BNCC surge em 2014 como uma das metas do PNE que teria vigência de 10 anos. Dentre suas 20 metas, quatro delas já se referiam à BNCC. Em 2015, a primeira versão da BNCC foi disponibilizada e houve então uma mobilização das escolas de todo o Brasil para a discussão do documento.

Em 2016 a segunda versão da BNCC foi disponibilizada para análise e discutida em 27 seminários estaduais com professores, gestores e especialistas. No mesmo ano após os debates, começou a ser redigida a terceira versão. Em 2017 o MEC entregou a versão final da BNCC ao Conselho Nacional de Educação (CNE) para elaborar um parecer e projeto de resolução.

Em dezembro de 2017 a BNCC foi homologada e o CNE apresentou a resolução que instituiu a implantação da BNCC. A partir desta homologação os estados e municípios iniciaram o processo de formação e capacitação dos professores para elaboração e adequação dos currículos escolares. Em 2018, professores, gestores e técnicos da educação preencheram um formulário online, sugerindo melhorias para o

documento da BNCC da etapa do Ensino Médio. Neste mesmo ano este documento foi homologado.

Segundo o MEC, a BNCC é um

Documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurado seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2018, p. 9).

A última BNCC é de 2017 e teve diferentes versões antes de chegar à definitiva promulgada na resolução do Conselho Nacional de Educação/CP n. 2, 22 de dezembro de 2017 (MOSAICO-ARTE, 2018, p. XXVI).

A BNCC estabelece 10 competências gerais para nortear as áreas de conhecimento e seus componentes curriculares. Segundo o documento, o desenvolvimento dessas competências é essencial para assegurar os direitos de aprendizagem de todos os estudantes da Educação Básica. Ressalta-se a importância da conceituação do termo competências usado na BNCC e que norteou os objetivos deste documento e dos livros didáticos elaborados com base nele.

Em consonância com a descrição das competências trazidas pela BNCC, observa-se que

Segundo a constituição, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2018, p. 8).

Um dos principais defensores da implementação do processo de ensino e aprendizagem por competências é o professor Philippe Perrenoud, doutor em sociologia e antropologia, atuante nas áreas relacionadas a currículo, práticas pedagógicas e instituições de formação nas faculdades de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Genebra, Suíça.

Para Perrenoud (1999), uma competência traduz-se na capacidade de agir eficazmente perante um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem se limitar a eles.

Seguindo o mesmo alinhamento de ideias, para Dias (2010), uma abordagem por competências defende que o sujeito constrói os seus próprios saberes, numa interação

afetiva que possibilita o aprender a aprender. Em contexto educativo, com os outros, o sujeito (re) descobre, (re) inventa novas possibilidades de ação que lhe permitem situar-se crítica e autonomamente na sociedade atual.

Por outro lado, Lima apresenta um conceito de competência que tem origem na área da educação vocacional nos Estados Unidos, na década de 1970, e que tem como propósito “identificar com objetividade as aptidões que os trabalhadores deveriam adquirir para o desempenho de atividades específicas no mercado de trabalho” (LIMA, 2020, p. 30). Esse conceito de competência apresentado, o “saber-fazer”, desconsidera a importância da dimensão crítica existente no aprendizado.

Entretanto, segundo as perspectivas apresentadas pela BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (o que fazer e porque), habilidades (como fazer), e atitudes (ser/querer fazer), e uma das dimensões estruturais no conhecimento é a crítica, que se refere à articulação do pensamento à ação artística envolvendo todos os aspectos do conhecimento.

Assim, as principais críticas relacionadas às competências e que se alinham à observação de Lima, citado anteriormente, é que na busca para compreender a noção de competências, passamos por sérios questionamentos como a subordinação da escola ao mercado de trabalho e a individualização do sujeito.

Sendo assim, a educação proposta pela BNCC limita o sujeito a competências específicas de interesses próprios do mercado de trabalho e impossibilita a construção do pensamento crítico, deixando de alcançar a capacidade de desenvolvimento educacional, e a possibilidade do exercício pleno da cidadania, contrariando diretamente o artigo 2º da LDB que diz: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideias de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996, p. 1).

Outro ponto a ser refletido é trazido aqui na fala do professor Luiz Carlos de Freitas, da faculdade de educação da Unicamp. O professor explica que o problema não está na existência de uma base que possa orientar os estados a construir seus próprios currículos e desenvolver formulações locais. A questão é a política educacional onde esta base está sendo inserida, base comum que assume características de padronização de conteúdos a serem ministrados em todo o país. Ela fixa padrões e com isso, sessenta por cento do que seria tratado pelas escolas é definido pela base nacional comum,

limitando os conteúdos locais, a diversidade e a criatividade no ensino brasileiro (FREITAS, 2016).

Mas, uma questão que também merece um olhar crítico é a escolha dos conteúdos. Na política do MEC, a BNCC deve ser traduzida nos processos avaliativos reposicionando todo sistema de avaliação brasileiro em larga escala, como, ENEM, prova Brasil, avaliação de alfabetização, e orientando a formação do professor e a construção dos livros didáticos. Tudo isso afeta a metodologia do professor e o como ensinar.

Ao ajustar os processos de avaliação à BNCC, tudo aquilo que é diverso não vai estar nessa avaliação, se tornando algo optativo, com isso os sessenta por cento dos conteúdos comuns obrigatórios, tendem a se transformar totalitários nos ensinos das escolas, prejudicando as diversidades e especificidades locais. Na prática os conteúdos de português e matemática tendem a ser mais valorizados que os demais.

A BNCC está organizada em cinco áreas do conhecimento, quais sejam, 1) linguagens, 2) matemática, 3) ciências da natureza, 4) ciências humanas e, 5) ensino religioso. A área de linguagens é composta pelos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, nos anos finais do Ensino Fundamental, Língua Inglesa.

Articuladas às competências gerais, estão previstas seis competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental, que compreendem: 1) Construção cultural, valorizando as subjetividades; 2) Conhecimento das diversas práticas de linguagem - artísticas, corporais e linguísticas, fundamentais para a construção de uma sociedade inclusiva; 3) Exploração das linguagens verbal, visual, corporal, sonora e digital como expressão dos sentidos, no intuito de promover o diálogo e a cooperação; 4) Atuação crítica dos estudantes na vida contemporânea, em relação a diversos pontos, como direitos humanos, meio ambiente, consumo, etc. 5) Desenvolvimento do senso estético e do respeito à diversidade cultural que abrange as manifestações locais e globais, os saberes e identidades variadas; 6) Utilização das tecnologias digitais de forma crítica e ética, para o desenvolvimento de projetos autorais e coletivos.

Para o componente curricular Arte, o documento propõe a articulação de seis dimensões do conhecimento que estão intrinsicamente ligadas às experiências artísticas com todas as linguagens na escola, possibilitando o processo de ensino e aprendizagem em Artes. São elas: 1) Criação (relacionada aos processos que envolvem o fazer

artístico); 2) Crítica (refere-se à articulação do pensamento à ação artística envolvendo todos os aspectos do conhecimento); 3) Estesia (relacionada à ativação dos sentidos e da percepção); 4) Expressão (refere-se à capacidade de exteriorizar as subjetividades); 5) Fruição (refere-se ao deleite e estranhamento que os sujeitos vivenciam em interação com a obra de arte).

Além das seis dimensões do conhecimento que perpassam os conteúdos do componente curricular Arte, integrando-os, o documento descreve nove competências específicas de Arte para o Ensino Fundamental, que se articula com as competências gerais e específicas mencionadas anteriormente. As competências específicas de Arte para o ensino Fundamental abrangem:

1) Abordagem em todas as dimensões práticas artísticas e culturais locais, brasileiras e globais, em distintos tempos e espaços, com o objetivo de reconhecer e dialogar com as diversidades; 2) Compreensão da relação entre as várias linguagens da arte, inclusive as digitais e áudio visuais; 3) Conhecimentos das expressões das matrizes estéticas e culturais brasileiras, suas tradições e reelaborações contemporâneas; 4) Exploração da ludicidade e da capacidade imaginativa; 5) Mobilização de recursos tecnológicos nas práticas cotidianas em arte; 6) Promoção de visões críticas e problematizadas no modo de produção e circulação da arte em sociedade; 7) Realização de práticas artísticas que problematizem todos os aspectos da vida contemporânea e estimulem os estudantes à autonomia e à colaboração; 8) Valorização de patrimônio material e imaterial, nacional e internacional; 9) desenvolver a autonomia, a crítica, autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes (MOSAICO-ARTE, 2018, p. XXVII).

Para atingir essas competências, propõe-se um arranjo de unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidos em cada etapa da escolarização. As cinco unidades temáticas que constituem o componente curricular arte são: Artes visuais, Dança, Música, Teatro e Artes integradas.

2 A COLEÇÃO MOSAICO-ARTE (2018)

2.1 Autores

A coleção Mosaico do componente curricular Arte foi lançada pela editora brasileira de livros didáticos chamada Scipione. Apresentaremos brevemente o histórico sobre os autores, visando contribuir com um melhor entendimento sobre a construção deste livro. Segundo o site e-docente² são:

Beá Meira - Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Foi professora assistente da PUC-Santos e do curso de Multimeios da PUC-SP. Trabalhou como ilustradora, artista gráfica e cenógrafa em projetos na área de Educação e Teatro. Foi, entre os anos de 2010 e 2015, coordenadora pedagógica na Universidade das Quebradas, curso de extensão da UFRJ. Autora de livros didáticos e paradidáticos na área de Arte.

Rafael Presto - Graduado em Artes Cênicas pela ECA-USP. Atuou como professor de teatro e percussão em escolas públicas e particulares. Realizou oficinas no Caps do SUS e no Serviço de Medida Socioeducativa em São Paulo. Teatrista do Coletivo de Galochas e membro do Coletivo DAR. Autor e ilustrador de livros na área de Arte e Teatro.

Silvia Sobter - Graduada em Artes pela PUC-RJ e em Dança pela Universidade de Paris. Mestre em Teatro pela UNIRIO. Doutora em Educação pela UFRJ. Dramaturgista, crítica de dança e professora da Faculdade de Educação da UFRJ. Organizadora e autora de diversas publicações na área de Corpo e Dança.

Taiana Machado - Graduada em Música pela UNIRIO. Mestre em Educação pela UFRJ. Professora em escolas particulares e em projetos culturais na rede municipal do Rio de Janeiro. Professora associada ao Instituto d'O Passo. Preparadora vocal e professora de canto em grupos teatrais e corais.

Ricardo Elia - Graduado em Cinema pela PUC-RJ. Mestre em Educação pela UERJ. Ministrou oficinas de criação artística em locais diversos, como o sertão de Alagoas, a Amazônia paraense e a Rocinha, no Rio de Janeiro. Escritor e músico, com

² <https://www.edocente.com.br/pnld/mosaico-arte-planeta-8o-ano/>

diversas obras publicadas na área de Música. Percussionista do Tupife, banda de pifanos e percussões.

Por este breve currículo de cada um dos autores constata-se que todos têm um trânsito por diferentes linguagens artísticas, que se inter cruzam em seus fazeres profissionais.

2.2 Estrutura organizacional

A coleção Mosaico-Arte (2018 - 2ª edição) é composta por quatro livros (6º ao 9º ano) que têm como base a transdisciplinaridade a partir de uma perspectiva intercultural crítica, sendo assim, cada livro possui um tema transdisciplinar como vemos a seguir:

Livro 1 - 6º ano - Corpo

Livro 2 - 7º ano - Cidade

Livro 3 - 8º ano - Planeta

Livro 4 - 9º ano - Ancestralidade

As linguagens artes visuais, música, dança, teatro e artes integradas são chamadas de cinco unidades temáticas. As cinco unidades estão distribuídas de forma equilibrada, contínua e progressiva dentro de cada livro. Entretanto, existe uma organização estratégica de focar em uma unidade temática específica predominante para cada ano, com isso, dar consistência ao tema transdisciplinar desenvolvido em cada livro.

No 6º ano, a unidade estratégica é a dança; no 7º ano são as artes integradas; no 8º ano é a música; no 9º ano é o teatro. As artes visuais distribuem-se mais ou menos de maneira uniforme nos quatro anos.

A organização da obra conta com o livro do aluno e o manual do professor para cada ano. O manual do professor está assim organizado:

-Apresentação (autores);

-Sumário;

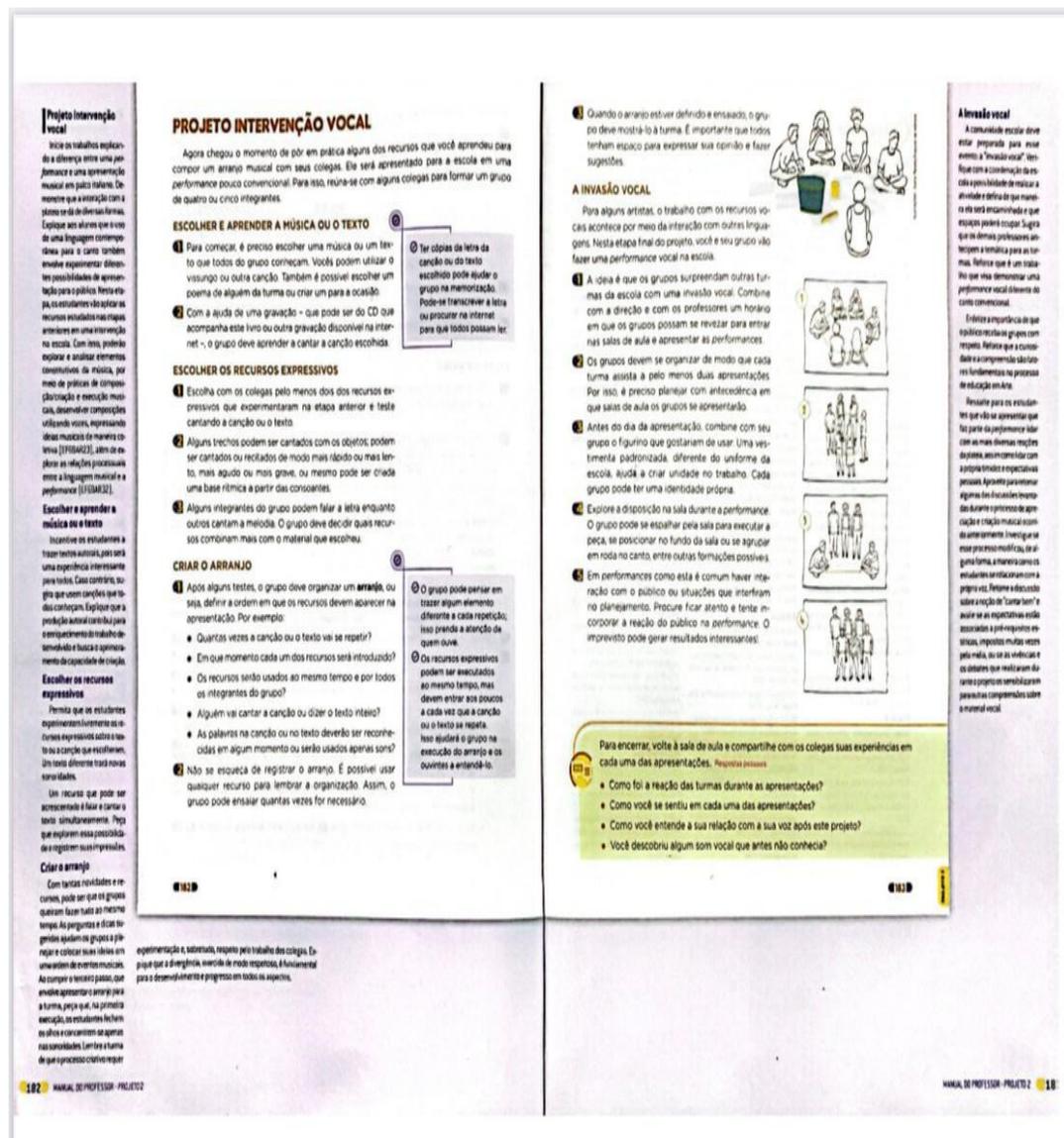
-Orientações pedagógicas gerais e Bibliografia (48 p.);

-Reprodução das páginas do Livro do Estudante em tamanho reduzido e a partir da página 10 contém orientações didáticas específicas para o professor que

ocupam as laterais e a parte inferior das páginas, em formato de U; (ver figura 1);

-Um cd de áudio para o professor.

Figura 1 – Páginas do manual do professor. Formato de U, sendo o livro do aluno na parte interna da folha e as orientações ao professor nas laterais e parte inferior das páginas.



Fonte: p.182 e 183 do manual do professor escaneadas por Lucas Pereira Silva

Cada um dos livros da coleção é composto por uma introdução, o tema artístico dividido em seis capítulos e um caderno de projetos contendo dois projetos. Dentro de cada capítulo temos uma estrutura interna fixa composta pelas seguintes seções:

- Aprender com os sentidos;
- Começando por você;
- Painel;
- Conversa de artista;
- Pensar com a história;
- Hora da troca;
- Debate;
- Teoria e técnica;
- Atividades.

As seções são compostas por dimensões do conhecimento em arte conjugadas. Além disso, as dimensões são articuladas ao conjunto das competências gerais, das competências específicas de linguagens e das competências específicas de artes. Esta divisão acontece nas seções da seguinte maneira: Na seção “Abertura” temos as dimensões fruição e reflexão; na seção “Aprender com os sentidos” temos as dimensões estesia e expressão; na seção “Começando por você” temos a dimensão reflexão; na seção “Painel” temos as dimensões fruição, crítica e expressão; a seção “Conversa de artista” contempla a dimensão reflexão; a seção “Pensar com a história” tem as dimensões fruição e reflexão; na seção “Hora da troca” observa-se as dimensões fruição e reflexão; na seção “Debate” estão presentes as dimensões fruição, crítica e reflexão; na seção “Teoria e técnica” temos as dimensões reflexão e criação; por último, na seção “Atividades”, encontram-se as dimensões criação e expressão.

A coleção apresenta diferentes recursos para trabalhar os conteúdos como: textos, imagens, músicas, vídeos e endereços de sites eletrônicos.

Cada livro do aluno apresenta em sua introdução a abordagem temática e transdisciplinar do livro, preparando os estudantes para as atividades que serão desenvolvidas durante o ano. No livro do 8º ano, intitulado “A arte e o planeta”, são apresentados: natureza, diversidade, clima, rede mundial, migrações, população, uma só voz, dinheiro, guerra e paz, extrativismo, consumo, água e o fim do mundo.

No referido livro a música está presente em três capítulos e no projeto a ser trabalhado no final do livro. Veremos com mais detalhes a estrutura musical presente no livro do 8º ano no capítulo três deste trabalho.

Nos outros livros da coleção a música está presente em apenas um capítulo de cada livro. No 6º ano está relacionada a danças e ritmos. No 7º ano relaciona-se com as manifestações artísticas que acontecem nos espaços públicos. No 9º ano está relacionada às linguagens audiovisuais com as artes visuais.

2.3 BNCC como parâmetro

A coleção Mosaico é construída a partir dos princípios e objetivos da BNCC, e suas competências específicas de arte para os anos finais do ensino fundamental. As propostas correlacionam as competências gerais às específicas de Linguagens e de Arte para o ensino fundamental. Os conteúdos se relacionam às habilidades que se pretendem construir com os alunos.

Pelo que afirma a Base Nacional Comum Curricular (2018)

Essas linguagens (artes visuais, dança, música e teatro) articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como forma de expressão no processo de aprendizagem em arte (BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site, 2018, p. 191).

Para cada capítulo do livro, na primeira página, podemos observar no manual do professor, o código das competências e habilidades que constituem o documento da BNCC. No manual do professor, também se observam na descrição de algumas seções, os códigos referentes às habilidades da BNCC.

Figura 2 - Exemplo de códigos referentes às competências e habilidades da BNCC no manual do professor.

Música vocal e instrumental

Neste capítulo serão abordadas a música vocal e a instrumental, muitas vezes em seu diálogo uma com a outra. As propostas levam os estudantes à apreciação musical de variados contextos temporais e espaciais de produção e circulação, relacionando essas manifestações a diferentes dimensões da vida social, cultural, histórica e estética.

Discute-se a relação entre música vocal e instrumental, explorando o conceito de timbre, por meio de escuta e práticas de improvisação, interpretação e criação musical. São utilizadas as práticas instrumentais a partir da história da orquestra moderna de matriz europeia e da música instrumental brasileira. Propõem-se reflexões sobre canto coletivo e convivência, relacionando as práticas musicais à dimensão ética da vida. Abordam-se a classificação dos instrumentos e as características da voz de modo a elaborar conceitos que serão trabalhados nas atividades práticas. Essas, por sua vez, promovem experiências de criação com a utilização da voz e propõem a construção de instrumentos de modo a expressar ideias musicais de forma colaborativa.

Competências da BNCC neste capítulo

- Gerais – 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 10.
- Específicas de Línguas – 1, 2, 3 e 5.
- Específicas de Arte – 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9 e 10.

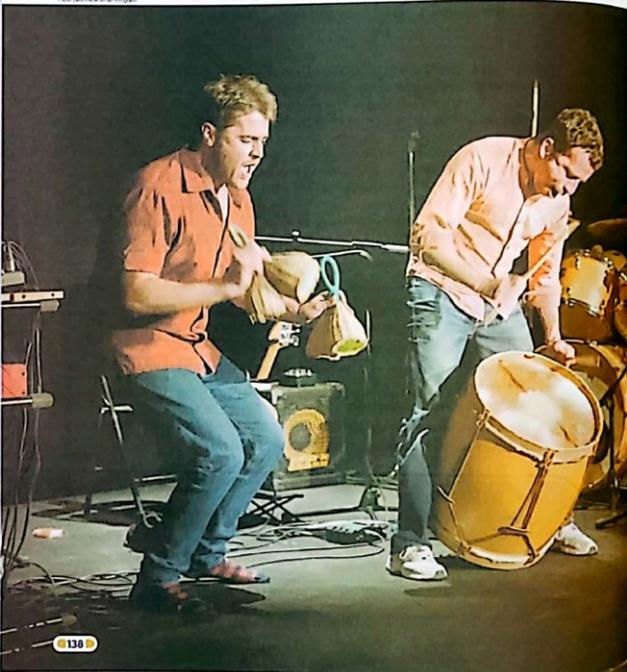
Habilidades da BNCC neste capítulo

- Música: Contextos e práticas [EF69AR16]; EF69AR17; EF69AR18; EF69AR19] | Elementos da linguagem [EF69AR20] | Materialidades [EF69AR21] | Notação e registro musical [EF69AR22] | Processos de criação [EF69AR23].
- Artes integradas: Contextos e práticas [EF69AR31] | Arte e tecnologia [EF69AR35].

Para ver o texto das competências e das habilidades da BNCC na íntegra, consulte as orientações gerais deste Manual do Professor (p. XXVIII-XXXII).

6 CAPÍTULO
MÚSICA VOCAL E INSTRUMENTAL

Foto: Leonardo de Sá/Imagem



138

Em relação às perguntas de conhecimento prévio, solicite àqueles que mantêm alguma prática instrumental continuada que tragam seus instrumentos para a aula e apresentem algo que tenham aprendido para os colegas.

A segunda pergunta objetiva que percebam que a voz pode avançar sobre os limites da fala e do canto. Qualquer som que os tire de seu lugar comum vocal será bem-vindo para iniciar a reflexão sobre os sons vocais. A imitação é um recurso importante no aprendizado de uma canção, de um som vocal e mesmo de um instrumento musical. Peça que compartilhem em que contexto aprenderam.

Grupo Aca Seca
O grupo foi formado, em 1998, quando os integrantes se conheceram na Universidade de La Plata. Pesquisa a música argentina. Entre seus álbuns, destacam-se *Avenida e Ventanos*. Em 2005 e 2015, o grupo recebeu o prêmio Konex.

138 MANUAL DO PROFESSOR - CAPÍTULO 6

Fonte: p. 138 do manual do professor escaneada por Lucas Pereira Silva

Ressalta-se que as competências e habilidades não precisam aparecer em todos os capítulos, mas devem ser contempladas ao longo do livro.

2.4 Objetivos da proposta

A coleção Mosaico-Arte defende que aprender arte é um direito de todos e desmistifica o conceito elitizado de arte. Por isso, foi concebida pensando em fortalecer o envolvimento com a arte, estimular a criatividade e promover debates em que o estudante possa ampliar sua visão de mundo, se expressar e trazer para a escola o seu

universo cultural, promovendo reflexões, provocando sensações e desenvolvendo a imaginação e a inventividade.

Assim, seus objetivos são:

Apoiar a atividade didática dos professores no ensino de arte nos anos finais do ensino fundamental. Proporcionar aos estudantes a experiência de fruir, pensar, interpretar, formular hipóteses, imaginar, criar, praticar, expressar e ampliar sua visão de mundo em linguagens variadas pela compreensão intercultural de códigos presentes em expressões artísticas de diferentes povos. Urgência de trazer a arte para o ambiente escolar com o propósito de favorecer o desenvolvimento das habilidades relacionadas à análise crítica e a fruição por parte dos adolescentes (MOSAICO-ARTE – Planeta, Manual do Professor, 2018, p. III).

Por tanto, proporcionar oportunidades variadas de desenvolvimento das diversas dimensões do indivíduo, tais como a cultural, cognitiva, sensível, crítica e a criativa.

2.5 Características da proposta

A proposta conceitual desta coleção para o ensino de Arte nos anos finais do ensino fundamental tem como base a interculturalidade crítica, que compreende a produção cultural como fruto da interação entre diferentes grupos humanos, com isso promovendo valores como a igualdade, o sentido comunitário, aceitação, o respeito pelo outro e aos direitos humanos, isto é, proporcionando ações construtivas para que ocorra o reconhecimento e respeito às diversidades culturais.

Esta proposta intercultural crítica está presente no currículo de modo transdisciplinar, definindo um grande tema para cada volume e objetivando o ensino de arte levando em conta a realidade social vivida pelo estudante.

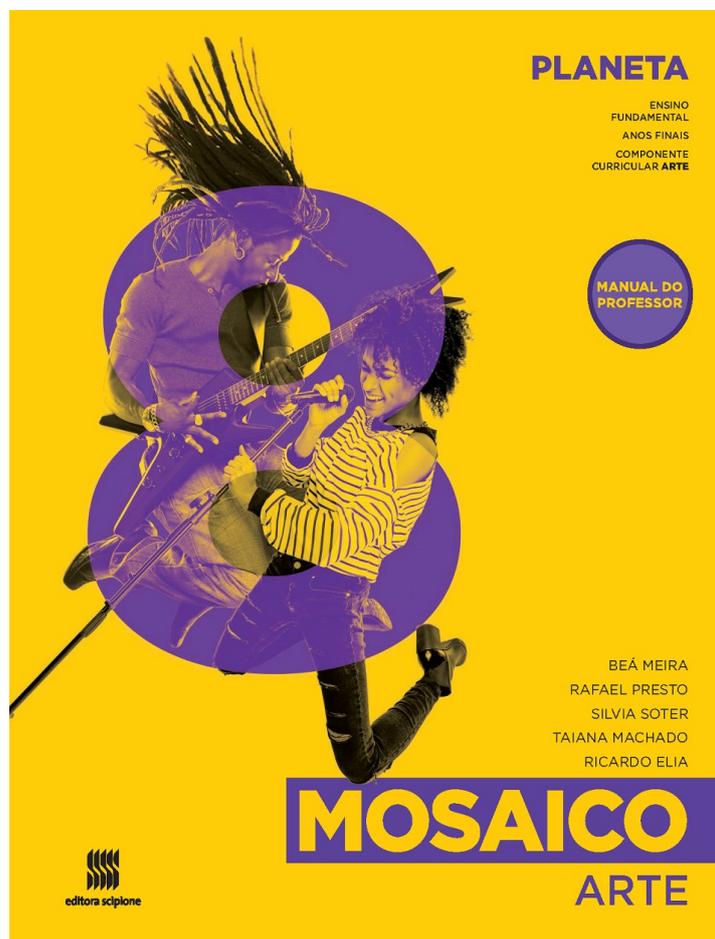
Outra característica da coleção é o formato em U do manual do professor. O manual do professor foi construído atendendo ao edital do PNLD. Este formato possibilitou aumentar os conteúdos de referências, provocações, caminhos a conduzir, links, biografias e, relacionam os conteúdos às competências da BNCC. O manual do professor agrega possibilidades de atuação do especialista e por outro lado, exige dos professores uma polivalência quanto aos conhecimentos em outras e diferentes linguagens artísticas. No manual do professor estão disponíveis variadas sugestões e

referências que podem contribuir positivamente e auxiliar no preparo e condução das aulas.

Todos os capítulos trazem a sessão “Aprender com os sentidos”. Esta seção vem atender uma demanda da BNCC, a estesia, uma das dimensões do aprendizado em artes desenvolvendo o sentido, a sensibilidade.

3 A MÚSICA NO LIVRO MOSAICO-ARTE - 8º ANO

Figura 3 - Capa do livro didático Mosaico-Arte - Manual do Professor - 8º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: Print Screen da versão digital do livro por Lucas Pereira Silva.

3.1 Objetivos

Os objetivos do livro do 8º ano estão agrupados em três conjuntos: 1) Conceitual; 2) Teórico; 3) Prático. A proposta conceitual busca compreender a relação entre a arte e a cultura e sobretudo o diálogo entre as culturas diversas. Como exemplo, o respeito à diversidade cultural.

Os objetivos conceituais exemplificam a interculturalidade crítica. Por exemplo: pensar em diferentes grupos humanos; construir um olhar para a diversidade cultural, social e ambiental; conhecer os trabalhos de diferentes artistas; analisar criticamente as variadas práticas e produções artísticas e culturais de diversas sociedades; refletir sobre a arte como profissão.

As proposições teóricas procuram oferecer embasamentos técnicos como: percepção dos sons; abordar as quatro principais características do som; conhecer o conceito de música, silêncio e ruído; conhecer noções fundamentais sobre as notas musicais e intervalos; classificação de instrumentos na formação de orquestra sinfônica por naipes, que são cordas, madeiras, metais e percussão.

Além dos elementos técnicos e conceituais, a prática musical é proposta em atividades como: exploração da paisagem sonora como forma de desenvolver a sensibilidade auditiva; despertar do interesse pela audição ativa e curiosa; experimentação vocal; e construção de instrumentos não convencionais.

Em seguida, podemos observar no quadro a classificação de três diferentes agrupamentos musicais proposta pelo livro nos capítulos 4, 5 e 6.

Quadro 1 – Propostas Musicais

Propostas Musicais		
Conceituais	Teóricos	Práticos
1-Pensar em diferentes grupos humanos 2-Construir um olhar para a diversidade cultural, social e ambiental 3-Refletir sobre a arte como profissão	1-Instrumentos musicais não convencionais 2-História de diferentes artistas 3-Instalações que investigam o espaço, o som e o tempo 4- Percepção dos sons 5- Termos conceituais de polifonia, música, silêncio, ruído, paisagem sonora, características do som, notas musicais e intervalos, classificação de instrumentos, música vocal e instrumental, improvisação, maestrina ou maestro, orquestra, naipes, características da voz, poesia sonora, dadaísmo 6-Diferentes ritmos musicais 7-Reflexões variadas sobre percepções, sentimentos, expressão, etc.	1-Gravar diferentes sons na escola 2-Ouvir diferentes composições de diferentes origens e diferentes interpretações 3-Construção de um monocórdio 4-Experimentação vocal 5-Construção de instrumentos não convencionais 6-Criar um arranjo vocal 7-Performance vocal na escola

Fonte: elaborado pelo próprio autor

3.2 Conteúdos

Os conteúdos musicais aparecem no livro a partir do capítulo 4 até o capítulo 6. No capítulo 4, intitulado Luz e Som, o objetivo é “trabalhar com a luz, a cor, o som e a música experimental apresentando a relação entre arte e formas de transmissão e recepção de imagem e som” (Mosaico-Arte - Manual do professor, 2018 p. 80).

Para explorar a percepção dos sons, o livro traz propostas de atividades práticas para serem realizadas em sala de aula com os alunos, relacionadas à percepção e análise de elementos constitutivos da música a partir da escuta ativa dos sons do ambiente e posterior análise desses sons quanto ao seu timbre e duração.

Abordando a exploração sonora, o livro traz a foto do compositor e multi-instrumentista Hermeto Pascoal tocando uma chaleira, caracterizando assim a exploração sonora e a criatividade musical. Em seguida, o livro apresenta um conteúdo sobre a curiosidade do artista em relação aos sons do cotidiano, sendo suas composições, muitas vezes, combinações de sons produzidos na natureza e sons extraídos de instrumentos não convencionais. Isso mostra a busca do compositor por novas sonoridades. O próprio artista tem o costume de fabricar instrumentos com materiais inusitados.

Em seguida, na seção “Conversa de artista”, o livro apresenta a história contada por Hermeto sobre uma de suas primeiras experiências com esse tipo de exploração sonora. Após essa história temos a fotografia de Hermeto e a proposta para que os alunos fechem os olhos e percebam os sons ao redor, refletindo sobre quais desses sons dependem de energia elétrica, sendo este contexto relacionado à história contada.

Por meio de um breve texto explicativo, focado em conceitos, o livro aborda os conteúdos básicos: Características dos sons (altura, duração, intensidade e timbre), e exemplos dessas características para serem ouvidos no CD que acompanha o livro.

Outro conteúdo presente no capítulo é a paisagem sonora. Sobre isso, o livro apresenta uma proposta mais teórica em que é tratada a abordagem de experiências sonoras feitas pelos músicos-pesquisadores Luigi Russolo e John Cage, ampliando a visão de compreensão sobre o conceito de música, silêncio e ruído.

Dentro deste mesmo conteúdo, paisagem sonora, o professor e músico R. Murray Schafer, provoca um debate com o objetivo de estimular a reflexão sobre como os sons ao redor são ouvidos. A foto da instalação Sonic Pavilion no Museu Inhotim,

em Brumadinho-MG, mostra uma construção que permite que se escute os sons vindos do interior da terra.

O exemplo apresentado acima é de paisagem sonora real, como as criações feitas para filmes. O livro propõe também atividades de pesquisa de dois trabalhos envolvendo sons experimentais. Um deles, de Walter Smetak, *Smetak imprevisto*, uma exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo e o outro o projeto *Sonário do Sertão* de Camila Machado. Os trabalhos apresentam propostas em comum, ou seja, trabalhar o som de forma experimental a fim de construir diferentes imaginários sonoros.

O conteúdo relacionado ao experimento dos sons abordados neste mesmo capítulo é o passeio sonoro. Trata-se de uma atividade prática em que os alunos irão criar um passeio sonoro usando os sons que ouviram e foram gravados em diferentes espaços da escola, e reproduzir esses sons para caracterizar o ambiente sonoro.

No capítulo 5, intitulado, Música e dança pelo mundo, o objetivo é “explorar os temas: mistura, diversidade, interinfluências e identidade, tanto em música como em dança” (Mosaico-Arte - Manual do professor, 2018, p. 112).

Propondo conhecer um pouco sobre diferentes estilos musicais, o capítulo apresenta figuras de quatro álbuns, cada um com uma diferente versão da música “Garota de Ipanema” de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Em seguida, vem um texto sobre a influência desses compositores e características desta música. No CD que acompanha o livro a faixa de “Garota de Ipanema” está disponível para apreciação.

Além da canção citada anteriormente, o livro mostra por meio de foto, texto e faixa disponível no CD, o trabalho do músico africano Fela Kuti e do músico indiano Ravi Shankar. Em seguida, na seção “Conversa de artista”, o livro aborda brevemente, a trajetória do instrumentista e compositor Ravi Shankar, indiano, representante da tradição da música clássica indiana no século vinte. O compositor se notabilizou tocando o tradicional instrumento indiano de cordas chamado sitar, e compondo para sitar e orquestra.

Cada um dos livros é acompanhado de um CD de áudio que contém uma seleção de músicas e podcast. Observa-se a importância desse conteúdo no trabalho com a linguagem musical. O quadro a seguir corresponde a este volume do 8º ano. (Mosaico-Arte - Manual do professor, 2018, p. XXXVIII).

Quadro 2 – Exemplos musicais contidos no CD que acompanha o Livro.

Faixa	Referência do livro do estudante	Página	Conteúdo da faixa	Fonte	Duração
1	-	-	Apresentação	-	0:17
2	Capítulo 4	107	Podcast – Altura duração intensidade e timbre	Material produzido pelos autores desta coleção.	5:23
3	Capítulo 5	118	“Garota de Ipanema”	JOBIM, Tom; MORAES, Vinícius. (...)	2:15
4	Capítulo 5	119	“Zombie”	KUTI, Fela. (...)	3:50
5	Capítulo 5	120	“Sandhia Raga”	SHANKAR, Ravi (...)	11:25
6	Capítulo 5	127	“Itsári”	Sepultura. In: Roots (...)	4:48
7	Capítulo 5	132	Podcast - Sustenidos e bemóis	Material produzido pelos autores desta coleção	1:11
8	Capítulo 5	132	Podcast – intervalos musicais	Material produzido pelos autores desta coleção	4:23
9	Capítulo 6	141	“Don’t Worry Be Happy”	MCFERRIN, Bobby (...)	4:51
10	Capítulo 6	143	“Trio miniatura, 1940: Alegre”	GANTTALI, Radamés (...)	3:43
11	Capítulo 6	144	“Nordeste de Paris”	KRASSIK, Nicolas (...)	5:16
12	Capítulo 6	145	“Sonata n°12”	PAGANINI, Niccolo(...)	3:24
13	Capítulo 6	149	Podcast – Sons de orquestra	Material produzido pelos autores desta coleção(...)	3:43
14	Capítulo 6	156	“Japurá River”	GLASS, Philip	4:44
15	Capítulo 6	158	Podcast – Tantas vozes	Material produzido pelos autores desta coleção (...)	5:31
16	Projeto 2	178	“Ta douleur”	DALMAIS, Camille(...)	3:07
17	Projeto 2	180	Podcast – Experiências vocais	Material produzido pelos autores desta coleção(...)	4:15

Fonte: Páginas XXXVIII e XXXIX do manual do professor modificadas pelo autor

Observamos que as faixas presentes no CD do manual do professor trazem músicas, canções e Podcast referente aos conteúdos estudados nos capítulos, contribuindo com o professor quanto a material didático que ajude a vivenciar de forma prática o que está sendo apresentado no livro. Por meio de uma escuta crítica, intenciona-se ampliar o repertório dos estudantes e experimentar os conceitos musicais tratados nos textos.

Outro artista abordado neste capítulo, porém na seção “Debate”, é o músico Jorge Mário da Silva, conhecido como seu Jorge. O texto aborda trechos da história do artista marcados por dificuldades e superações enfrentadas desde a infância. Atualmente o artista se destaca obtendo reconhecimento como músico e como ator.

Neste mesmo capítulo, a seção “Hora da troca” propõe analisar o encontro de diferentes tradições musicais e da dança, evidenciando os processos que envolvem essas trocas culturais, com o título “música - a beleza das misturas”. A proposta apresentada é conhecer dois exemplos de encontros musicais que aconteceram entre artistas com bagagens culturais bem diferentes.

O primeiro exemplo é mostrado pela fotografia do indiano Havi Shankar e o inglês George Harrison, integrante da banda Beatles, em encontro realizado em 1960. Segundo o livro, essa parceria frutificou e gerou muitas experimentações musicais e influências para o músico inglês.

O segundo exemplo é observado também pela fotografia que registra o encontro dos integrantes da banda de heavy metal chamada Sepultura, e dos indígenas Xavante, juntos na aldeia Pimentel Barbosa - MT, em 1995. Segundo o livro, o encontro resultou na gravação de uma música chamada “Itsári” no álbum Roots da banda Sepultura, com a participação dos indígenas.

Outros conteúdos tratados são os intervalos e notas musicais. Para explicar os intervalos, o livro traz fotos de um monocórdio, instrumento usado por Pitágoras para medir a relação entre o tamanho das cordas e os sons gerados, possibilitando o entendimento sobre os intervalos musicais. O livro traz a figura das teclas de um piano, como exemplo, para apoiar as noções fundamentais sobre notas e intervalos, conceituando o reconhecimento das notas musicais e os seus intervalos.

Figura 4 - Página do manual do professor com desenhos de um teclado para exemplificar intervalos.

Teoria e técnica

Notas musicais e intervalos

Nesta seção o processo de criação em música será apoiado por noções fundamentais sobre as notas musicais e intervalos para que os estudantes possam explorar e analisar elementos constitutivos da música [EF09AR20].

Permita que os estudantes experimentem as relações de tons, semitons e intervalos valendo-se de um instrumento musical disponível na escola ou de um teclado virtual. Sugerimos o piano virtual disponível em: <<https://virtualpiano.net/>>. Acesso em: 30 out. 2018. Oriente-os a acessar pelo celular ou por algum computador disponível. Incentive os estudantes a experimentar o conteúdo que consta nos desenhos do livro.

Para tornar a prática dinâmica, experimente remontar alguns intervalos com os estudantes, pedindo que identifiquem, usando o teclado virtual, um exemplo de cada um dos intervalos. Para fazer essa identificação no teclado virtual, organize a turma em duplas.

É fundamental que os alunos ouçam os áudios indicados. Nesses dois podcasts, a experiência sonora do intervalo ficará clara a partir da apreciação e da prática de cantar junto com as gravações. Veja abaixo a equivalência entre o nome dos intervalos, a distância em tons e a distância em semitons:

- Segunda menor – meio tom – 1 semitom
- Segunda maior – 1 tom – 2 semitons
- Terça menor – 1 tom e meio – 3 semitons
- Terça maior – 2 tons – 4 semitons
- Quarta justa – 2 tons e meio – 5 semitons
- Quarta aumentada – 3 tons – 6 semitons
- Quinta justa – 3 tons e meio – 7 semitons
- Quinta aumentada – 4 tons – 8 semitons
- Sexta maior – 4 tons e meio – 9 semitons
- Sétima menor – 5 tons – 10 semitons
- Sétima maior – 5 tons e meio – 11 semitons
- Oitava justa – 6 tons – 12 semitons

132 MANUAL DO PROFESSOR - CAPÍTULO 5

NOTAS MUSICAIS E INTERVALOS

Da mesma forma que é necessário um alfabeto para formar palavras, para compor música é necessário um alfabeto musical. Esse alfabeto é formado pelas notas musicais que representam diferentes alturas. São elas: **dó, ré, mi, fá, sol, lá e si**. No desenho abaixo, é possível reconhecer essas notas nas teclas de um piano.

Perceba, na representação do teclado, que há também teclas pretas entre algumas teclas brancas, com exceção do intervalo entre o **mi** e o **fá** e entre o **si** e o **dó**. Essas teclas pretas também representam notas musicais. Observe a nota destacada no desenho ao lado.

Cada uma das teclas pretas pode ter dois nomes: além de "sol sustenido", a nota destacada pode ser chamada de "lá bemol". Se fala em sustenido, representado pelo símbolo #, quando a referência é a nota que vem antes (no exemplo, sol) e se fala em bemol, representado pela letra b minúscula, quando a referência é a nota que vem depois (no exemplo, lá). Para perceber sonoramente essa diferença, ouça o *podcast* "Sustenidos e bemóis".

A distância entre duas notas – que corresponde à diferença de altura – é chamada de **Intervalo**. Assim como é possível usar o metro para medir a distância no espaço, na música a distância é contada em tons e semitons. Os intervalos que abrangem as notas **dó-ré, ré-mi, fá-sol, sol-lá, lá-si** são chamados **tom**, ou segunda maior, pois entre essas notas há uma outra nota, representada pela tecla preta. O intervalo que abrange as notas **mi-fá** e **si-dó** é chamado **semitom**, ou segunda menor, pois não há uma nota intermediária entre elas. No caso do teclado, não há uma tecla preta entre elas.

Da mesma forma, se tomarmos por referência as notas das teclas pretas, a distância entre uma nota de uma tecla preta e uma nota de uma tecla branca – por exemplo, **lab-lá** – também é de uma segunda menor, ou seja, um semitom.

Assim temos:

2ª menor = 1 semitom

2ª maior = 2ª menor + 2ª menor = 2 semitons = 1 tom

O semitom é o menor intervalo musical que podemos ter entre duas notas. Para medir o intervalo entre duas notas, você pode contar a quantidade de tons e semitons que há entre elas. Assim como os intervalos de segunda, existem intervalos de terças maiores e menores, quartas e quintas justas, aumentadas ou diminutas, sextas maiores e menores, sétimas maiores e menores, e assim por diante. Você pode conferir os sons de alguns desses intervalos nos podcasts "Intervalos musicais".

132

Fonte: p. 132 do manual do professor escaneado por Lucas Pereira Silva

Como exercício prático, o livro orienta experimentar e remontar alguns intervalos em um piano real ou piano virtual, e assim, perceber sonoramente as diferenças entre as notas que formam os intervalos.

No capítulo 6 são abordadas a música vocal e instrumental por meio dos conteúdos: 1) experiências vocais; 2) características da voz; 3) classificação de instrumentos; 4) música instrumental.

Logo no início do capítulo propõe-se uma atividade prática de experimentação vocal, em que os alunos sejam orientados a experimentar diferentes entonações com a voz. O texto explica que a voz é utilizada para se comunicar a partir de sons construindo a linguagem, transportando palavras e emoções, e cada pessoa possui uma identidade vocal. A identidade vocal é o timbre e ele é único, de cada pessoa. A voz produz uma riqueza de diferentes sons que são utilizados no canto, na música vocal.

Para ilustrar, o livro aborda exemplos de artistas como Bobby McFerrin, músico estadunidense, referenciado pela espontaneidade e inovação em experiências vocais. Outro exemplo trazido é o renomado músico brasileiro Naná Vasconcelos, percussionista conhecido por trabalhar com diversos instrumentos e fazer improvisações vocais, ampliando as possibilidades de utilizar a voz como instrumento.

O livro menciona ainda exemplos de grupos vocais como o coral de São Vicente (Rio de Janeiro) à *capella*, a banda vocal The House Jacks, inovadora por ser uma banda de rock sem instrumentos, apenas com vozes (EUA), e o quarteto Colônia, canto lírico, criado inicialmente para divulgar a música do Padre José Maurício Nunes Garcia e outros autores do período colonial brasileiro.

Para abordar as características da voz o livro apresenta um esquema sobre o funcionamento do aparelho vocal humano, abordando os órgãos envolvidos nos processos de respiração e emissão da voz, ambos por meio do movimento de entrada e saída de ar. Algumas dicas e orientações sobre a saúde vocal também são abordadas.

Ainda no capítulo 6 há uma introdução sobre a história da orquestra dentro da música ocidental. Outro conteúdo presente é a classificação de instrumentos na orquestra. A classificação tradicional é feita em naipes. São quatro naipes: cordas, madeiras, metais e percussão. Além da orquestra tradicional o livro apresenta figuras de instrumentos pouco convencionais, como por exemplo, o taikô (Japão), a flauta de pã (Povos Andinos), o ghatham (Índia) e a kora (África). São instrumentos de outras culturas apresentados a fim de ampliar as referências multiculturais dos alunos.

Diferentemente dos naipes das orquestras tradicionais, outros instrumentos são classificados pelas suas características físicas de produção do som. Os idiofones são os instrumentos cujo som é produzido pela vibração de seu corpo. Os membranofones são instrumentos que produzem o som por meio da vibração de uma membrana. Quanto aos

cordofones seu som é produzido pela vibração de cordas. Os aerofones, por sua vez produzem som por meio da vibração do ar. Por fim, os eletrofonos dependem de um alto falante elétrico para a produção do som.

Outro conteúdo abordado neste capítulo é a música instrumental. O livro conceitua e relaciona esta prática, que por vezes se relaciona com a voz, porém, sem o uso do texto cantado, assim destacando os instrumentos musicais, como os exemplos do pianista e compositor e arranjador Radamés Gnattali, desenvolvendo inovações marcantes para a música popular. Outro exemplo apresentado como instrumentistas são os violinistas Nicolas Krassik e a Kyung Wha Chung e a maestrina Alondra de la Parra.

A construção de instrumentos não convencionais e utilização de materiais diversos também é conteúdo deste capítulo. Inspirados pelo grupo mineiro Uakti, o livro propõe atividades utilizando como exemplo, um tambor de água, tubos e joelhos de pvc, painéis adaptadas, de modo a expressar ideias musicais de forma colaborativa.

3.3 Procedimentos Pedagógicos

Como procedimento pedagógico, o professor ao se apropriar do livro, irá propor atividades de ouvir, ler, observar, analisar e debater exemplos de diferentes expressões artísticas. Junto destas orientações, o aluno será estimulado a manifestar sua própria vivência cultural.

No manual do professor estão disponíveis variadas sugestões e referências que podem contribuir positivamente e auxiliar no preparo e condução das aulas. Como exemplo, a aba com o título “Para ampliar o conhecimento”. Neste espaço o livro traz referências de livros, filmes, grupos musicais, vídeos, servindo de informações adicionais para o preparo das aulas. Observa-se também no manual do professor, orientação de escuta das faixas e Podcast do CD que acompanha o manual do professor.

Explorando o livro no capítulo 4, seção: “Aprender com os sentidos” (p. 81), o professor e os alunos vão exercitar a percepção dos sons. Nesta atividade intitulada “Sugestão de encaminhamento”, o livro propõe que os alunos se espalhem pela sala e de olhos vendados explorem os sons ao redor, percebam os diferentes sons externos, os timbres e a distância em que estão as fontes sonoras.

O manual do professor sugere ainda a percepção dos sons internos do próprio corpo e em seguida, o compartilhamento de suas impressões. Ao final da atividade, o livro indica para o professor que converse com os alunos sobre a experiência,

perguntando se eles tiveram dificuldades em se manter em silêncio, se alguém se surpreendeu com os sons ouvidos ou se descobriu algum som novo.

Outro exemplo de sugestão de atividade que o manual do professor traz é na seção “Conversa de artista” com Hermeto Pascoal (p. 93). Após a leitura do texto em que o artista conta a história de suas primeiras experiências de criações musicais, o professor pergunta aos alunos, o que mais chamou atenção na fala de Hermeto. Pede que busquem lembranças sonoras da infância, quais sons escutavam quando eram pequenos, e as principais músicas que aprenderam. Outro procedimento sugerido é pedir para que cada um cante um trecho que os remeta à infância.

No mesmo capítulo, na seção teoria e técnica (p. 107), a proposta sugerida é da escuta de uma faixa do CD que acompanha o manual do professor, apresentando exemplos das quatro principais características dos sons, como: “altura, duração, intensidade e timbre”, relacionando os conceitos teóricos com a vivência sonora.

Depois da escuta de características dos sons propõe-se a escuta de canções. Esta atividade está na seção “Painel - músicas, danças e culturas no mundo” (p. 118). O professor cita o gênero musical das obras ouvidas no CD que acompanha o livro. Além disso, sugere e estimula os alunos a pesquisarem na internet diferentes versões das músicas.

Continuando o diálogo com os alunos, o livro sugere ao professor conversar sobre as características marcantes das músicas, sobre a assimilação que os alunos fazem ao escutar e observar as imagens dos álbuns e sobre como as palavras são cantadas. Há ainda uma sugestão de atividade prática que é marcar o tempo da música batendo o pé junto com a audição da gravação.

Como característica importante do livro, podemos observar que no final das seções, exceto as seções “Pensar com a história” e “Teoria e técnica”, existem balões contendo questões a serem resolvidas pelos alunos. Essas questões ajudam a refletir sobre o assunto abordado sugerindo que os alunos conversem com os colegas e com o professor a respeito do que aprendeu.

3.4 Avaliação

O modelo de avaliação adotado pelo livro é a avaliação processual, também conhecida por avaliação formativa ou contínua. Este tipo de avaliação permite que as

aprendizagens sejam avaliadas ao longo de todo o processo, e não apenas os resultados ao final do bimestre.

O professor observa os estudantes no decorrer das atividades práticas e debates, identificando se a aprendizagem está acontecendo, e quando os objetivos não são alcançados, uma nova estratégia é traçada e um novo desafio proposto.

Em cada seção do livro, os alunos são convidados a refletir e responder questões relacionadas aos conteúdos abordados, assim como são estimulados a compartilhar com os colegas e professores suas impressões, conhecimentos e experiências vivenciadas.

Este tipo de método de avaliação, segundo o livro, pode ser aplicado de maneira coletiva e individual. A avaliação coletiva é indicada como oportunidade para conversar com os estudantes sobre o que se pretendia e o que se alcançou com determinada aula ou trabalho. A avaliação individual é indicada de modo a estabelecer uma conversa pessoal, visando rever as atividades feitas com o conjunto, avaliando o processo do estudante em relação ao seu desenvolvimento pessoal.

Além do método de avaliação processual citado, há sugestões para auto avaliação no final de cada capítulo. No geral é composta por duas questões, a primeira relacionada aos conceitos, teorias e o repertório artístico e cultural. A segunda relacionada aos processos de criação.

3.5 Refletindo sobre a proposta de ensino de música

A proposta de ensino de música no livro didático Mosaico-Artes (8º ano do Ensino Fundamental) é de aproximar a arte musical da vida dos estudantes compreendendo a relação entre a arte e a cultura, sobretudo o diálogo entre as culturas diversas.

Portanto, o professor utiliza o livro didático como apoio para elaboração do planejamento de ensino e a condução das aulas de artes com base na interculturalidade crítica de forma interdisciplinar no currículo. Com isso, objetiva-se reconhecer e valorizar a cultura do estudante, explorando novas linguagens e ampliando sua visão de mundo.

Ao analisar como está estruturado o ensino aprendizagem de música e as possibilidades pedagógicas oferecidas, sendo essa a questão central dos objetivos estabelecidos para esta pesquisa, destacam-se as seguintes reflexões:

A abordagem teórica ocupa a maior parte do material priorizando a fala sobre a arte e sua relação com a cultura ao invés da prática musical sonora. São debates, diálogos, trajetórias de instrumentistas, trechos da história de artistas e textos explicativos focados em conceitos. Porém o livro traz a proposição de vivências musicais a partir de abordagens teóricas antecedendo a prática.

Como exemplo, temos: o encontro de diferentes tradições musicais e da dança, evidenciando os processos que envolvem essas trocas culturais. Abordagem do conceito de paisagem sonora, com objetivo de ampliar a sensibilidade auditiva dos adolescentes e conscientizá-los da escuta dos sons que nos rodeiam e que compõe diferentes ambientes. Outra abordagem teórica é a trajetória descrita de instrumentistas como: Hermeto Pascoal, Luigi Russolo, R Murray Schafer, Tom Jobim, Fela Futi, Ravi Shankar, Naná Vasconcelos, Radamés Gnattali, Nicolas Krassik, Kyung Wha Chung, Alondra de la Parra.

A partir destes exemplos, de músicos de diferentes culturas, etnias e estilos, podemos observar o objetivo de estimular e analisar criticamente as variadas práticas e produções artísticas e culturais de diversas sociedades em distintos tempos e espaços. Ressaltando que esta proposta acontece de forma teórica como mencionado anteriormente.

Outra proposta apresentada no livro são os textos explicativos, exemplos: noções fundamentais sobre notas e intervalos, esquema sobre o funcionamento do aparelho vocal humano, dicas e orientações sobre a saúde vocal, e o percurso profissional do artista Seu Jorge.

Frente à realidade de muitas escolas do país que não têm espaços adequados para aulas de música e nem instrumentos disponíveis, percebe-se o direcionamento da construção do livro pautado em debates e atividades a serem feitas geralmente em grupos. Como exemplo disso podemos ver as atividades de experimentação vocal, e a utilização da voz como recurso didático, presentes na proposta. Sendo assim, as relações dos alunos com os livros poderão ser mais bem desenvolvidas em coletivo, junto do professor e dos outros alunos.

Por tanto podemos argumentar em favor do ensino coletivo, no qual o aprendizado se dá pela observação e interação com outras pessoas, a exemplo de como se aprende a falar, andar, comer.

Os conteúdos musicais que compõem este livro didático, analisados a partir do capítulo 4 até o capítulo 6, evidenciam a abordagem teórica explicitada anteriormente, e

a preferência de atividades utilizando a voz. As atividades são as seguintes: música experimental; percepção dos sons; exploração sonora; história de artistas; características dos sons; paisagem sonora; sons experimentais; passeio sonoro; diversidade cultural; estilos musicais; trajetória de instrumentista; tradições musicais; intervalos e notas musicais; experiências vocais; características da voz; classificação de instrumentos; música instrumental; improvisações vocais; saúde vocal; construção de instrumentos com objetos do cotidiano.

Outra situação para ser refletida é se o professor utilizar apenas o livro didático como material e recurso para suas aulas. Neste caso, observando a imensa variedade em que se estabelece o conhecimento artístico nas diversas linguagens, pode-se ocorrer à contribuição para uma superficialidade dos conteúdos e das propostas de atividades que serão tratadas em sala de aula.

Entretanto, os autores ressaltam que o livro é um material de apoio, mas não a única opção de material didático para o professor que pode lançar mão de outros para complementar os conteúdos propostos e dialogar com eles. Outras temáticas podem ser sugeridas, como exemplo as festas tradicionais e as diversas manifestações culturais do nosso país, como exemplo, no caso de Uberlândia – MG, o congado, no distrito de Martinésia, a Folia de Reis. São manifestações culturais e religiosas afro-brasileiras que envolvem diversas linguagens artísticas e possibilita o trabalho intercultural crítico.

Por meio dessas reflexões, observa-se o apoio para o professor de artes iniciante que tem receio sobre o que ensinar, como e por onde começar. Com destaque para as orientações de debates e diálogos, e sugestões de conteúdo, principalmente nos percursos de outras linguagens artísticas. No entanto, será através da experimentação deste material didático junto de outras estratégias e materiais escolhidos pelo professor, sendo utilizados regularmente nas aulas, que o professor conseguirá construir o ensino-aprendizagem de artes, em específico o de música, priorizando as características e necessidades dos alunos e os desafios da escola.

Pensar critérios para essa reflexão foi um exercício não somente para compreensão deste material didático, mas será importante também para novas pesquisas e escolhas de novos materiais didáticos, assim como todos os objetivos citados nesta pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa busquei compreender como está estruturado o ensino aprendizagem de música para a escola de educação básica, por meio do livro didático - coleção Mosaico-Arte (2018), adotado em algumas escolas brasileiras na época em que se iniciou esta pesquisa. A coleção tem quatro volumes e optamos por analisar apenas o livro do 8º ano por estar nele a maior concentração de conteúdos de música.

Objetivando conhecer sua proposta, conteúdos, estratégias e procedimentos pedagógicos foram elaborados os seguintes objetivos específicos: 1- Identificar no livro Mosaico - 8º ano sua estrutura organizacional, os objetivos, conteúdos e as concepções de ensino de música que o caracterizam; 2- Desvelar as bases teóricas que referenciam e orientam a elaboração, organização e proposição da coleção; 3- Conhecer as relações interdisciplinares propostas entre a música e as outras linguagens da arte apresentadas no livro; 4- Identificar os procedimentos pedagógicos explicitados no manual do professor e os procedimentos que podem ser inferidos a partir das atividades propostas.

As primeiras incursões teóricas tiveram como objetivo conhecer e compreender os conceitos de livro didático e material didático. Com isso pude entender a importância dos livros didáticos como fonte de informações e ferramenta de apoio ao professor e aos alunos para o processo de ensino-aprendizagem.

Depois a investigação se concentrou em conhecer o processo de execução e os critérios utilizados pelo PNLD, programa que avalia e distribui obras didáticas aos alunos do ensino fundamental e médio.

O livro didático de Arte é relativamente recente no PNLD. Esta foi uma conquista da área a partir de 2015, quando o livro de Arte passou a fazer parte dessa política de avaliação e distribuição, primeiramente para o ensino médio, depois em 2016 para os primeiros anos do ensino fundamental e por fim, em 2017, para os anos finais do ensino fundamental.

Entretanto, entendo que o livro didático não pode ser o único recurso teórico e prático do professor para a sala de aula. Não é possível contemplar todas as realidades em um único material. Dependendo da escolha, o livro didático pode não ser muito eficiente em atender as diversidades e interesses das turmas e assim, conduzir o professor a um planejamento inadequado das aulas.

A obra selecionada para esta pesquisa foi elaborada depois da implantação da BNCC, que foi homologada em dezembro de 2017. A partir de então, todo material

produzido e apresentado ao MEC para o PNLD avaliar e disponibilizar para as escolas, foi elaborado sob os princípios da BNCC.

Desde antes de sua homologação já havia inúmeras críticas ao texto final da BNCC, sob diversos aspectos, como foi mencionado no item 1.2 do primeiro capítulo deste trabalho.

Penso que a observação sobre as competências estabelecidas pela BNCC pode servir não somente como princípio para construção dos livros didáticos, mas também para auxiliar o professor no planejamento e estratégias pedagógicas para as aulas de música. Do mesmo modo que a prática docente pode ser auxiliada pelo uso do livro didático. Creio que esse seja um dos motivos válidos para o direcionamento dos códigos das competências e habilidades apresentadas nos capítulos do manual do professor.

Os procedimentos pedagógicos, como observados anteriormente, priorizam as questões teórico conceituais sobre a arte e sua relação com a cultura ao invés da prática sonora musical. O livro traz debates, diálogos, trajetórias de instrumentistas, trechos da história de artistas e textos explicativos focados em conceitos. As propostas teóricas e práticas, mesmo que de forma superficial, encontram no manual do professor, sugestões e orientações, em formato de U, ladeando a página do livro do aluno como visto na imagem (p. 22) neste trabalho. Isso ajuda o professor disponibilizando outros conteúdos de referência, provocações, caminhos a conduzir, links e biografias.

Podemos perceber no livro e imaginar na realização das aulas que existe um desafio no ensino de música trabalhado com diferentes linguagens artísticas que compõem o componente curricular Arte, como: o Teatro, as Artes Visuais e a Dança. Nota-se uma superficialidade na apresentação dos conteúdos e práticas musicais propostas no livro. Porém, fica difícil pensar na construção de um livro polivalente, com conhecimentos mais técnicos e profundos em cada uma das linguagens artísticas, sendo que o professor de música, por exemplo, vai trabalhar com os conteúdos das outras linguagens também de forma inter e transdisciplinar.

Não foi possível identificar uma base teórica que se evidencie na proposta e construção dos conteúdos e atividades relacionadas à música no livro. As referências bibliográficas ao final do livro, que dão suporte teórico à sua elaboração, é composta de variados autores e diferentes princípios, não caracterizando uma linha teórica específica.

Ao longo dos capítulos, na aba lateral de nome: “Para ampliar o conhecimento”, disponível apenas no manual do professor aparecem referências de textos, livros,

vídeos, sites que podem contribuir com o professor no planejamento das aulas enriquecendo os conteúdos para os alunos.

Ainda nas referências, há diversos títulos relativos à BNCC, porém essas referências não são sobre conteúdos específicos de música, mas sim sobre processos, competências e habilidades.

Em relação à ordem que os conteúdos aparecem no livro, percebemos uma estrutura sequencial dentro de cada capítulo. Essa estrutura é fixa e estrategicamente ordena as seguintes seções: Aprender com os sentidos; Começando por você; Painel; Conversa de artista; Pensar com a história; Hora da troca; Debate; Teoria e técnica; Atividades. Observa-se que as atividades aparecem sempre por último.

Entre um capítulo e outro a sequência não acontece, o que existe é uma troca de linguagens artísticas que se relacionam com a música. Essa ordem sequencial pode ser adaptada de acordo com a linguagem artística e o conhecimento de cada professor.

Contudo penso que a análise deste livro didático, não somente pela busca das estratégias práticas, serviu como apoio para compreender como está estruturado o ensino aprendizagem de música dentro da coleção, e qual seu potencial para uso na escola de educação básica.

Em suma, a proposta do livro é tratar de assuntos relacionados à música de forma teórica, com base em uma perspectiva intercultural crítica. As propostas práticas são poucas e não dão, portanto, oportunidades de vivência da música por meio de fazeres musicais. São mínimas as propostas nesse sentido.

Porém, acredito que o exercício de pesquisa nesse livro didático foi importante para construir uma instrumentalização para análise de outras obras que possam ser utilizadas como material didático nas aulas de Arte-Música na escola.

Por fim, entendo que é possível desenvolver um ensino de música que possibilite aos alunos na educação básica a oportunidade de construir conhecimentos musicais e sobre música por meio da experimentação, vivência, criação e investigação musicais. Esse é o maior desafio para o professor de música que tem como norte seguir esse livro didático. Outras pesquisas são necessárias no campo de materiais didáticos e propostas de ensino de música na escola, que permitam uma construção de uma educação musical mais efetiva e significativa para os alunos.

REFERÊNCIAS

- BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.** Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 29/10/2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15/10/21
- BRASIL, LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL (LDB, LEI Nº 9.394/1996). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 08/04/2021.
- BRASIL. Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n. 9394/96, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm Acesso em: 10/01/2024.
- DIAS, Isabel Simões. **Competências em educação: conceito e significado pedagógico.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 14, Número 1, Jan/Jun 2010: pg. 73-78 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/XGgFPxFQ55xZQ3fXxctqSTN/?format=pdf&lang=pt>
- FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. **Material didático e prática docente.** *Revista IberoAmericana de Estudos em Educação* – UNESP. Araraquara. 2007.
- FREITAS, Luiz Carlos. **Prof. Luiz Carlos de Freitas expõe os riscos da Base Nacional Comum Curricular** <https://www.youtube.com/watch?v=nKvngAMZdKk>
- LIMA, Simone Laiz de Moraes. **Estudos, conversas, vivências e reflexões: o que a BNCC Arte do Ensino Fundamental nos diz?** São Paulo: UNESP – Instituto de Artes, 2020.
- MEIRA, Béa. **Mosaico-Arte: planeta, 8. ano: ensino fundamental, anos finais** [et al.] – 2.ed – São Paulo : Scipione, 2018. Disponível em: https://api.plurall.net/media_viewer/documents/2596092?fbclid=IwAR35W5AYtnyIyW0Y8P-3KDLEncTLL95ORQufdfCJwYA03s9dNYNQujfbO_I/Acesso em: 29/10/2021.
- PERRENOUD, Phillipe. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SANTOS, Cibele Mendes Curto dos. **O livro didático do ensino fundamental: as escolhas do professor.** Curitiba, 2007. 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

SOUZA, Karla Beatriz Soares de. **Abram os livros, por favor... Representações de ensino aprendizagem de música nos conteúdos do livro didático de arte no PNLD (2015 a 2017) – 2018** Orientadora: Lilia Neves Gonçalves. Dissertação (Mestrado em Música) Programa de Pós-graduação em Música - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

SANTOS, Cibele Mendes Curto dos. **O livro didático do ensino fundamental: as escolhas do professor**. Curitiba, 2007. 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

SOUZA, Ivonete. **A autoridade da fonte: metodologia e ensino nos livros didáticos de história**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA, 4., 1999, Ijuí. **Anais...** Ijuí: ANPUH, p. 322-330, 1999.

TEIXEIRA, R. F. B. **Significados do livro didático na cultura escolar**. In: X EDUCERE, 2011, Curitiba. Anais X EDUCERE e I SIRSSE. Curitiba: ED. CHAMPAGNAT, 2011.

Vídeo:

Luísa França entrevista Rafael Presto e Beá Meira – **PNLD 2020 Coleção Mosaico-Arte** <https://www.youtube.com/watch?v=zVOlIZ7orP4> Acesso em: 22/07/2022